



ANO 15
No. 129
MAR-JUN/2005
F.A.R.J.

LIBERA

INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO
farj@riseup.net <http://farj.entodaspares.org> Cx. Postal 14576 - CEP 22412-970 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
Reuniões do CELIP todas as terças, 19h no SINDSPREV-RJ, Rua Joaquim Silva, 98-A - Lapa. Auditório do 3º andar.
Biblioteca Social Fábio Luz, sábados de 9h às 16h. Rua Torres Homem, 790 - Vila Isabel

ANARQUISMO E SINDICATOS

É ilusório acreditar que o sindicalismo, por si só, possa nos conduzir a mudanças sociais profundas.

A atual sociedade é constituída de uma maneira perversa que, muitas vezes, faz com que os interesses imediatos de cada categoria trabalhadora sejam opostos. Isso faz com que, em geral, os sindicatos se tornem corporativistas e até mesmo mantenedores do modo de produção capitalista. Afinal, eles se estruturam segundo a organização do trabalho na sociedade atual, organização esta ditada pelo capitalismo. Portanto a nova sociedade não pode ser sedimentada a partir dos sindicatos, mas sim a pela dissolução do modo de produção capitalista e pela criação de novas organizações que correspondam a uma outra realidade, libertária e igualitária.

No Brasil, a ação sindical se tornou mais problemática a partir do governo de Getúlio Vargas. Este ditador fechou sindicatos livres e impôs uma organização trabalhista autoritária, copiada da legislação fascista de Benito Mussolini. Determinou para os sindicatos uma filiação compulsória aos órgãos do Estado, roubando-lhes dessa forma certa independência e muito do caráter revolucionário que haviam adquirido durante os primeiros anos do século XX, quando ainda da vigência do "sindicalismo revolucionário" de orientação marcadamente anarquista.

Mas o fato é que os sindicatos têm valor e importância para nós. Na atuação sindical podemos obter melhorias mais imediatas que também são necessárias. Além disso, através dos sindicatos travamos contato com outros trabalhadores e trabalhadoras que, longe de aceitar passivamente o que lhes é

"dado" pelos patrões ou o Estado, exigem, aqui e agora, melhores condições de vida e aprendem o valor da organização. Não deixa de ser ainda, em que pese o grau avançado de burocratização, o sindicato uma escola de formação de indivíduos dispostos a

reconhecer na classe uma alternativa de aglutinação para a luta. E mesmo é dentro dele que, de posse da perspectiva de suas limitações, o militante pode mobilizar recursos e estrutura para o apoio necessário aos movimentos sociais que, uma vez assumindo o caráter insurgente, não dispõem dos mínimos recursos materiais para a manutenção da ação contra o sistema.

Assim, a partir da premissa de que o anarquismo deve estar onde estão os trabalhadores; este não pode encapsular-se em elucubrações teóricas e dedicar-se a projetos de sociedade futura que nunca saem do papel. Temos que estar junto a nossa classe, levando nossa mensagem, prática e ética libertária. Situação que, por mais limitada que possa parecer, é imensamente mais avançada para o acúmulo de experiências dos militantes que o isolamento em grupos de discussão pretensamente superiores à

realidade que os cerca.

É fato que, hoje, como tática, devemos dar maior ênfase ao estabelecimento de novas formas de organização (não-hierárquica) em trabalhos comunitários e – sobretudo – em ocupações urbanas e rurais, combatendo o latifúndio e a especulação imobiliária. Pois estes movimentos questionam a propriedade, um dos pilares do capitalismo, passando assim, para nós anarquistas, a representarem também um elemento estratégico. Uma vez que no apoio dado às ocupações



“Os três poderes são um só: o deles.”

Nicolas Behr

encontramos a possibilidade de uma ação concreta nos meios sociais, o que nos auxilia na construção de uma alternativa mais clara de inserção, vemos também dentro dessa articulação a clara possibilidade da definição dos objetivos a serem alcançados, não apenas devolvendo ao anarquismo seu caráter constitutivo de classe, mas também orientando a nossa prática para uma direção mais conseqüente e amparada pelos tradicionais princípios revolucionários.

Tal já vem sendo feito por algumas organizações anarquistas no Rio de Janeiro. É o caso da *Federação Anarquista do Rio de Janeiro* (FARJ), do *Coletivo Libertário Ativista Voluntariado de Estudos* (CLAVE) e do *Grupo Ação Libertária* (GAL), atuantes nas ocupações de Vila da Conquista e Nelson Faria Marinho (Curicica, no bairro de Jacarepaguá), Olga Benário (Campo Grande) e presentes ainda na organização de novas ocupações.

Dessa forma torna-se importante mantermos uma proximidade com sindicatos, inclusive levando até eles informes de nossa atuação e reivindicando apoio para a manutenção e

ampliação de projetos como estes. A *Biblioteca Social Fábio Luz*, o Projeto AJAM (fabricação de bolinhos por jovens do Morro dos Macacos), o *Centro de Cultura Social* do Rio de Janeiro como um todo, as ocupações urbanas e as diversas outras iniciativas impulsionadas por anarquistas não devem prescindir da ajuda de órgãos que congregam trabalhadores e estão organizados, assim como quaisquer demais ações que apontem para o estabelecimento, desde já, de uma sociedade livre e solidária. Se por um lado, as associações de classe foram submetidas a um processo histórico de burocratização e perderam muito de seu conteúdo revolucionário; por outro, percebendo nos demais movimentos sociais algum vigor para a luta, torna-se fundamental que contribuam com o que for possível para os ganhos coletivos proporcionados pela sociedade socialista que se faz necessário construir.

Saúde e Anarquia!!!

Federação Anarquista do Rio de Janeiro

Os Judeus de Castro... e, de Fraga

Voltou a acontecer. Outro dos irmãos Castro visitou Fraga¹. Nesta ocasião foi Raul, que é para Fidel o que Beria² era para Stalin. Fidel não estava ainda senhor de todo o poder, em 1959, quando Raul organizou, em um mês, quinhentos fuzilamentos. Che Guevara, mais tímido, contribuiu assinando mais cinquenta execuções. “Como está, Don Manoel, havia tempo que não nos víamos”, disse Raul para Fraga. “*Hombre!*...”, começou a responder-lhe Don Manuel. Fica evidenciado, uma vez mais, que Fraga é o mais comunista dos políticos espanhóis, do mesmo modo que os Castro são os mais franquistas dos políticos latino-americanos. Cada vez que podem o demonstram ferrenhamente. O totalitarismo, com suas duas faces, forma uma mesma moeda. Em uma face, os quatro irmãos Castro, que vêm nepotisticamente tiranizando o povo cubano e, na outra, Franco e Fraga. Para além de supostas questões ideológicas, que como se vê não devem ser tantas, a irmandade galega, a união de todos através desse ente religioso a pátria, seja grande ou pequena, que liga todos os seus filhos.

A relação dos caudilhos galegos é antiga. Quando, em 1966, o escritor cubano, recentemente falecido, Guillermo Cabrebra Infante, conseguiu sair de Cuba, pensou em instalar-

se em Madri. A Espanha franquista de então acolhia uma boa parte da colônia de jovens escritores latino-americanos do famoso “boom”, com García Márquez à frente. Porém, o governo franquista, através de seu exímio ministro Fraga Iribarne negou-lhe asilo e censurou seus livros, que também estavam, e ainda estão, proibidos em Cuba. Quando da morte de Franco, o regime cubano declarou uma semana de luto nacional, com bandeiras a meio mastro, e assustava-nos pensar as homenagens que se farão se vier falecer algum desses rostos da moeda totalitária.

A última batalha travada por Don Manuel deve ter criado mais laços com a família de tiranos que submetem Cuba. Efetivamente, Fraga ficou histérico com a lei recém aprovada, com virtude - melhor seria dizer com vício -, pela qual os homossexuais ficam equiparados em direitos e deveres aos heterossexuais, no momento de casarem-se. Os “maricas”

de Fidel podem casar-se na Espanha. Esses “bandos de maricas”, agora legais, foram alvo de todo tipo de insultos. E, parece bastante possível, que tais insultos tenham despertado a admiração dos Castro, que tal como fez Hitler, em seu tempo, têm montado um campo de concentração para homossexuais. Campos estes que estão orientados por uma versão adaptada do lema que orientava os campos nazis: “O trabalho os fará homens”, está escrito nos campos cubanos, segundo o relato de Cabrera Infante em seu livro *Mea Cuba*, uma compilação de textos sobre a ilha caribenha. O fato é que para “machos” como os Castro e como Fraga, isto, a homossexualidade, os enerva. A perseguição aos intelectuais homossexuais em Cuba é conhecida através de casos como os de Nestor Almendros, fotógrafo premiado e filho de líderes anarquistas catalães; ou os dos poetas Severo Sarduy ou Reynaldo Arenas que são estandartes da terrível perseguição de milhares de homossexuais



Assinatura anual de apoio (6 exemplares - R\$ 8,00);
pacote de 10 *Liberas* (R\$ 4,00).

O pagamento poderá ser feito através do envio de dinheiro (bem camuflado!) ou de selos no valor correspondente.

Tiragem: 2.500 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião da FARJ

Assine o *Libera*, Apoie a imprensa libertária!

anônimos. Até Sartre, que no fim de sua vida teve algum contato crítico com os regimes totalitários de esquerda, os quais havia defendido incondicionalmente, reconheceu que: "Castro não tem judeus, mas tem homossexuais". Alguns desses "judeus" devem fazer parte dos 20.000 desaparecidos no mar e nas entranhas dos tubarões, do mesmo modo que devem estar incluídos na população penal, cerca de 30.000 prisioneiros das masmorras castristas. É certo que Fraga aproveita os encontros com os Castro para, entre outras coisas, interceder pela liberdade de presos cubanos descendentes de galegos e deve colocar como condição que não figure no "pacote" de libertados nenhum "maricas". É sabido que Castro faz tráfico com presos. Presos em troca de medidas favoráveis ao regime. Os políticos ocidentais que querem fazer firulas humanitárias para seus eleitores levam alguns presos libertados em troca de declarações e acordos com Castro. Deste modo Castro premia os governos amigos. Cabrera Infante nos lembra: "Castro presenteou com presos políticos o reverendo Jackson e, até a Manuel Fraga, que não usa batina embora tenha sido sacerdote laico no altar de Franco. Agora o Papa (Cabrera refere-se a viagem de Woytila a Cuba) também pede presos. Antes, quando chegava um viajante eminente a Cuba, como Churchill, eram charutos de marca. Agora são presenteados com seres humanos. Teremos ganho algo quando a estes desafetos não esteja reservada uma fogueira para fazer-lhes de "cigarros humanos". Porém, aos homossexuais, Castro só os presentearia aos yankees, junto com vigaristas e outras "escórias". Nunca faria a brincadeira de presentear-los a um bom amigo como Fra-

ga, até porque na Espanha, agora, os "maricas" podem casar-se e adotar crianças que podem até ser... cubanas.

Ignacio de Llorens (Baleares, Espanha)

(Tradução de Márcia Nascimento Gonçalves; Revisão de Juliana Lira Sampaio)

¹ Manuel Fraga Iribarne, galego de Vilalba, imigrou com seus pais para Cuba ainda muito jovem, tendo retornado a Espanha posteriormente. Desde a juventude foi um fascista convicto, tendo se filiado a *Falange Espanhola*, onde começou sua carreira política. Ocupou desde 1951 diversos cargos no governo ditatorial de Franco, tendo sido Ministro da Informação e do Turismo por 7 anos na década de 60. Foi um dos fundadores da *União Democrática Internacional* (UDI, internacional conservadora) junto a George Bush (pai), Margaret Thatcher e Jacques Chirac.

² Lavrenti Pavlovitch Beria (1899-1953), georgiano como Stalin, aderiu ao Partido Bolchevique em 1917. Psicopata, sádico e estuprador, foi nomeado chefe da famigerada NKVD (polícia política soviética) em 1938, sendo co-responsável pelo internamento em campos de concentração e pela morte de milhões de dissidentes políticos. Poucos meses após a morte de seu dono, foi sumariamente executado com um tiro na nuca.

Organização Indígena

Exemplo de organização e resistência é a história dos povos que após mais de cinco séculos de invasão, usurpação, violência, teimam em manter sua identidade própria, indígena. Para quem campos de concentração e guerras biológicas não foram invenções do último século, e sim mais antigas. A Confederação dos Tamoios e a Guerra dos Bárbaros, esta ainda reunindo diferentes povos do Nordeste, impuseram pesadas derrotas para as forças portuguesas. Sendo ainda a capacidade para se reorganizar depois de toda imposição e tentativa de destruir com rolo compressor cada cultura marca presente desde as Guerras Guaraníticas, mobilizadas por índios considerados pacificados, evangelizados, servis. Adentrar o Brasil tornou-se tão difícil para Portugal que forçou, por exemplo, o rei D. João VI a declarar Guerra aos Kaingang, Xokleng e Botocudos suspendendo os "efeitos de humanidade" que os protegessem. O genocídio promovido apenas no que hoje é território brasileiro ao longo dos anos atinge números certamente maiores que o holocausto promovido pelos nazistas. Pensemos ainda os números de todo o continente, bastante mais populoso!

Na história mais recente da organização indígena são as grandes assembléias que reúnem povos diversos que marcam o início de uma nova fase da mobilização indígena no Brasil, tendo ocorrido a primeira em abril de 1974. Nações de todo o território, dispersas na história e na geografia, ilhadas pelo processo de usurpação de seu chão ancestral, solidarizam-se frente às questões mais particulares e às mais comuns, todas as une. Subversivos à tutela, afirmam sua autonomia, ganhando logo a inimidade do regime militar e da Fundação Nacional do Índio, órgão responsável pelos silvícolas relativamente incapazes segundo consta no Código Civil em vigor desde 1916, e que só seria alterado em 2002. É no contexto em que surge em 1980 a primeira orga-

nização indígena de abrangência brasileira, a União das Nações Indígenas. A ditadura enfurecida toma o termo "nações" como uma afronta à integridade do Estado-Nação. Até então toda legislação referente ao indígena pretendia a sua gradual integração a uma sociedade nacional idealmente homogênea. Consta que o Serviço Nacional de Informação considerou a organização inconveniente, o que acarretava consequências. Apesar deles, a UNI muito influenciou posteriormente na elaboração da Carta Magna de 1988 deste Estado-Nação. O reconhecimento jurídico da representação indígena em muito contribuiu para a gradual extrusão do intermediário oficial, imprescindível naqueles termos, na negociação política com o governo.

Mas é a partir do final dos anos 80 que as atenções voltam-se cada vez mais para determinadas formas de organizações indígenas locais e regionais que vinham se constituindo também desde os anos 70. Pode-se destacar como exemplo o Conselho Indígena de Roraima, não tão antigo, mas cujo processo de formação remonta às assembléias gerais promovidas desde aquela época. A própria UNI constituiu então escritórios regionais, pois estava em jogo a representatividade da mesma. São diversos os povos, diversos os costumes, e diversas as práticas políticas. Uma casa construída a partir do telhado que começa a dar-se conta da falta da base, mas que cumpriu seu papel no momento de clara necessidade, dela há hoje o escritório do Acre e Sul do Amazonas, que assumiu sua abrangência regional. As associações que surgem desde então são de diversas naturezas, tendo de bases mais produtivas a bases mais políticas, não se excluindo mutuamente, e há ainda associações de técnicos indígenas, como de professores e de agentes de saúde. Há que destacar ainda as organizações

de mulheres indígenas. É o corpo do movimento indígena nos anos 90, daqueles que como nossos irmãos zapatistas e magonistas no México recusam eximir-se do protagonismo da própria história.

É isto que nos uniu a todos no "II Encontro pela Humanidade e contra o Neoliberalismo", em dezembro de 1999, iniciativa dos zapatistas que muito frutificou. Foi naquela ocasião que se decidiu pelo "Brasil Outros 500", e em confluência com todo o movimento foi a partir daí decidido pela "Marcha Indígena 2000" e a "Conferência dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil", que reuniu cerca de 6.000 indígenas de mais de 140 povos do país. Realizado no ponto inaugural da invasão européia, Santa Cruz de Cabrália, é um marco também da resistência exemplar dos índios do nordeste, que insistem em sua identidade cultural indígena, após os séculos de genocídio e etnocídio sofridos.

Com o mesmo espírito de justiça, neste mês de maio de 2005, retomaram sua terra 500 indígenas Tupinikim e Guarani, ocupada pelos eucaliptos da gigante Aracruz Celulose, em

município homônimo no Espírito Santo. É a auto-demarcação do território, forma de ação iniciada pelos índios Kulina no Acre no final da década de 80. A terra destes indígenas foi diminuída em mais da metade da proposta antropológica inicial, de 18 mil ha, por conviência do ex-ministro da justiça Íris Resende com a Aracruz Celulose, que tem por acionista a Votorantim, de Antônio Ermínio de Moraes, que usufrui 11 ha da terra indígena original. Acontece que os índios não aceitaram o ocorrido e em 1998 mesmo iniciaram o processo de auto-demarcação. Foram então, após 8 dias, reprimidos através de uma operação de guerra da polícia federal, que fechou o acesso às aldeias, e os levou para Brasília onde, sem o direito a assessoria e isolados de suas comunidades, foram obrigados a assinar acordo com a empresa, sob a ameaça de perder todas as terras se não aceitassem. Não tendo a situação resolvida até o presente, a luta não para. Este é um nobre exemplo da miríade de lutas indígenas que ocorrem em todo Brasil, e toda Abya Yala.

Jaguaranhô

.....Notícias Libertárias.....

1º de Maio no Rio: Os anarquistas cariocas e fluminenses celebraram o dia dos trabalhadores em um ato no *Centro de Cultura Social* (CCS/RJ), que contou com a presença de cerca de 60 pessoas. Além das organizações libertárias (FARJ, GAL, CLAVE, Col. Domingos Passos), estiveram presentes representantes de diversas ocupações urbanas. Houve a exposição de jornais operários e anarquistas alusivos à data. O ato foi seguido de um lanche comunitário e confraternização, e encerrado com a projeção de um vídeo.

Em São Paulo: No último primeiro de maio o *Coletivo Anarquista Terra Livre* fez uma palestra sobre as origens dessa data tão importante. A palestra aconteceu na Verdurada em São Paulo onde estavam presentes mais de 1.000 pessoas. Grande parte interessou-se em saber da história do Massacre de Haymarket, dos Mártires de Chicago e do movimento operário dos EUA. O grupo lançou no evento a primeira edição de seu boletim *Protesta!*. É um especial sobre a História do Primeiro de Maio, com três textos e algumas imagens. Contatos com o grupo podem ser feitos por e-mail no terralivre@terralivre.org.

Magonismo: O México é, tem sido e será, palco de numerosas lutas sociais, de resistência e de libertação dos oprimidos frente ao jugo de seus opressores. A história escrita pelos vitoriosos tende a ocultar a importante participação dos magonistas na derrocada da ditadura de Porfirio Díaz e sua negativa em se subordinar à direção democrático-burguesa do governo de Madero. Os magonistas, assim como os seus irmãos zapatistas, se mantiveram rebeldes e nunca aceitaram a rendição e a cooptação que lhes oferecia o novo regime. Como bons libertários, lutaram por um mundo novo em que as fábricas, a terra e a liberdade fossem para todos, mantendo durante o processo revolucionário a tocha da insurreição. O magonismo como força participante da Revolução Mexicana aspirou abolir o poder, não exercê-lo; a autoemancipação

e o autogoverno das massas populares eram suas metas. Foi um movimento precursor das lutas emancipadoras que promovem a autogestão social. Recuperar a história do fazer e saber insurrecional magonista é parte da construção de um saber histórico das lutas do povo latino-americano e a utilização deste saber em sua luta atual. O livro de Ruben Trejo, *Magonismo: utopia y revolución, 1910 - 1913* (Editorial Cultura Libre), propõe recuperar a memória da rebeldia dos oprimidos que adotaram os ideais magonistas durante a Revolução Mexicana, entre agosto de 1910 e fevereiro de 1913. Informações com Colectivo Autónomo Magonista (CAMA): camadf@yahoo.com.mx.

Livro: A Faisca Publicações Libertárias, editora anarquista de São Paulo, lança *A Guerra da Tarifa*, de Leo Vinicius. O livro conta a história das manifestações contra o aumento do preço dos transportes públicos em Florianópolis, e da reivindicação pelo passe livre para os estudantes, acontecidas em 2004 e que ainda são notícia nos jornais deste ano. Seu caráter libertário, mostra a toda a sociedade que existem práticas políticas muito mais interessantes que o jogo corrupto e burocrático exercido pelos partidos políticos. Essa publicação busca, entre outras coisas, dar um novo fôlego aos movimentos de ação direta, e inspirar as práticas libertárias de reivindicação, para que se espalhem ainda mais pelo Brasil e pelo mundo! Para adquirir uma cópia, entre em contato (www.editorafaisca.net; faisca@riseup.net; Caixa Postal 1731, CEP 01009-972, São Paulo/SP).

ERRATA: No Libera 128 esquecemos da nota do texto "Diários de um Anarquista".

¹ Ronda a informação de que ao longo da história da FLA houve inúmeros roubos promovidos por criminosos comunistas que venderam os materiais para o *Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierda* da Argentina!!!



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: FARJ 2 e A RESSURGÊNCIA, CP 15001 CEP 20155-970 Rio/RJ * LETRALIVRE CP 50083 CEP 20062-970 Rio/RJ * COL. DOMINGOS PASSOS CP 100670 CEP 24001-970 Niterói/RJ * CCS CP 2066 CEP 01060-970 São Paulo/SP * ANA CP 78 CEP 11525-970 Cubatão/SP * COL. TERRALIVRE CP 1731 CEP 01009-970 São Paulo/SP * COMLUT CP 768 CEP 13001-970 Campinas/SP * MLPL CP 146 CEP 40001-970 Salvador/BA * APPL CP 053 CEP 40001-970 Salvador/BA * NUELCA CP 14 CEP 48000-970 Alagoinhas/BA * FCL CP 10.115 CEP 58109-970 Campina Grande/PB * MAPIBA CP 185 CEP 40001-970 Salvador/BA * GEAL CP 3244 CEP 78060-970 Cuiabá/MT * CNA CP 294 CEP 01059-970 SP/SP * CRAP CP 584 CEP 14801-970 Araraquara/SP * OPÚSCULO LIBERTÁRIO CP 15 CEP 11401-970 Guarujá/SP * AFIM e GEAAP CP 2744 CEP 59022-970 Natal/RN * MOTIM CP 77 CEP 29146-970 Cariacica/ES * RLBS CP 99 CEP 11010-970 Santos/SP * GASA CP 11 CEP 29390-000 Ilúna/ES * CCMA CP 665 CEP 01059-970 São Paulo/SP * BARRICADA LIBERTÁRIA CP 5005 CEP 13038-970 Campinas/SP * COL. LUA CP 2501 CEP 60721-970 Fortaleza/CE * CAZP CP 136 CEP 57020-970 Maceió/AL * CAO CP 306 CEP 65001-970 São Luís/MA * FENISKO NIGRA CP 999 CEP 13001-970 Campinas/SP * COL. RUPTURA CP 2501 CEP 60721-970 Fortaleza/CE